

O SUJEITO PROFESSOR EM CHARGES BRASILEIRAS: DISCURSOS, REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES

Ataualpa Luiz de Oliveira¹

Rhuan Jonathan da Silva²

Resumo: Este estudo fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa e tem como propósito investigar os efeitos de sentidos em charges que representam o professor a partir de um confronto entre “o ontem e o hoje”. Para tanto, serão analisadas as imagens – forma singular de representação do gênero em estudo – buscando responder ao seguinte questionamento: como se dá a representação de sujeito professor instaurada a partir de charges brasileiras? Diante disso, buscou-se refletir acerca da representação da identidade do sujeito professor pelo suposto modo desprezioso que a charge conduz o seu discurso, atentando para o fato de que, revestidos pelo humor, tais imagens sedimentam e naturalizam práticas de depreciação e exclusão em relação às identidades sociais. Percebeu-se, então, que paira sobre o sujeito professor determinados estereótipos que o marcam como vítima; como um ser fraco e passivo não só diante de todo o maquinário sistêmico-social, mas também da sua própria identificação enquanto profissional docente.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Charge; Sujeito professor.

THE SUBJECT TEACHER IN BRAZILIAN CARTOON: DISCOURSES, REPRESENTATIONS AND IDENTITIES

Abstract: This study is based on the french discourse analysis and its purpose is to investigate the meaning effects on cartoons which represent the subject teacher from a confrontation between "yesterday and today". Therefore, we will analyze the images – a singular form of the genre representation under study – in order to answer the following question: how is the representation of subject teacher established by Brazilian cartoons? Thus, we sought to reflect on the representation of the teacher subject identity by the supposed unpretentious way a cartoon leads to his discourse, considering the fact that lined by humor, such images sediment and naturalize practices of devaluation and exclusion in regard to social identities. After the analysis, it was noticed that the teacher subject is marked as a victim by certain stereotypes, as a weak and passive being not only in front of all the systemic-social machinery, but also of his own identification as a teaching professional.

Keywords: Discourse analysis; Cartoon; Subject teacher.

¹ Doutor em Psicologia - Processos de Subjetivação - PUC-Minas (2015). Mestre em Administração pela Universidade Federal de Lavras - UFLA (2010), Especialista em Extensão Universitária - UFMG/UFSJ/Puc-Minas (2013), especialista em Gestão de negócios em contexto empreendedor, UFSJ (2008), graduado em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ (2006). E-mail: ataualpa.oliveira@ifsudestemg.edu.br

² Especialista em Didática e Trabalho Docente (IF SUDESTE MG-SJDR). Graduado em Letras pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Mestrando em Discurso e Representação Social pela UFSJ. Bolsista FAPEMIG. E-mail: rhuan.rjs@gmail.com

Considerações iniciais

Os discursos produzidos em ambiente de mídia e disseminados na sociedade contribuem para a construção de imagens acerca dos sujeitos sociais. Sendo a charge um produto sociodiscursivo da mídia, e ativo nela, sua função, de maneira geral, é a de ser um instrumento de denúncia dos fatos sociais mais representativos. Em relação ao sujeito professor, os discursos que são produzidos e sedimentados por essas construções imagéticas podem conduzir, de forma despreziosa e camuflada por um cunho cômico, as possíveis representações que são geradas desse sujeito, constituindo e cristalizando certa identidade docente.

Entendendo que os estudos sobre representações sociais e construção identitária contribuem para a relação estabelecida na esfera proposta por este estudo, a análise investiga os sentidos que são atribuídos nas charges, bem como as representações identitárias acerca do sujeito professor que são geradas a partir delas. Nesse sentido, este trabalho tem o intuito de responder ao seguinte questionamento: como se dá a representação de sujeito professor instaurada a partir de charges brasileiras? Dessa maneira, ao investigar questões acerca das identidades e relacioná-las ao campo das representações sociais, torna-se possível verificar como se constroem as identidades do sujeito professor e como são divulgadas pelas charges em análise, uma vez que, frequentemente, tais identidades culminam em estereótipos cristalizados que são reproduzidos nas diversas instâncias sociais.

A partir do quadro teórico da Análise de Discurso de linha francesa (doravante ADF), relacionando aos estudos sobre representação social e identidades sociais, serão discutidos conceitos como discurso, memória discursiva e condições de produção. Para tanto, o *corpus* é constituído por duas charges coletadas a partir da expressão “o professor ontem e hoje” e a análise visa descrever como são representadas as identidades do sujeito professor atentando para os efeitos de sentido que as imagens carregam.

Caracterizando o gênero charge

A charge é um gênero textual utilizado em diversos ambientes de mídia que se valem não somente da linguagem verbal para compor sua finalidade, mas também, dos diversos recursos semióticos que servem à sua base. Torna-se importante atentar, no entanto, para o fato de que, revestidos pelo humor, certos discursos sedimentam e naturalizam práticas de

depreciação e exclusão em relação a determinadas identidades através desse gênero, considerando-se que a charge expressa alguma naturalidade de ideias em um contexto social marcado e atrelado a certo(s) discurso(s) implícito(s).

À vista disso, a charge, ao retratar uma realidade por meio de uma síntese de certa situação, elege a temporalidade como um dos principais aspectos de sua construção, uma vez que esse princípio atua como instrumento persuasivo, pois confronta o fato retratado como uma representação às avessas, ou seja, a representação do factual por um viés ainda não observado, delimitando, assim, um certo tempo e espaço. Somente aqueles que conhecem o fato entendem a representatividade da charge, dado que sua pretensão está ligada à crítica de um acontecimento atual e específico que envolve, geralmente, um caráter político ou de senso comum, a partir de um viés – quase sempre – humorístico (RABAÇA & BARBOSA, 1978).

Segundo Fonseca (1999, p. 26) a charge, enquanto gênero discursivo, é definida como “uma forma de representação pictórica de caráter burlesco e caricatural em que se satiriza um fato específico, tal qual uma ideia, situação ou pessoa, em geral de caráter político e do conhecimento público”. De forma mais detalhada, Flores (2002, p. 14) esquematiza a noção de charge como

[...] um texto usualmente publicado em jornais, sendo por via de regra constituído por quadro único. A ilustração mostra os pormenores caracterizados de personagens, situações, ambientes, objetos. Os comentários relativos à situação representada aparecem por escrito. Escrita/ilustração integram-se de tal modo que por vezes fica difícil, senão impossível, ler uma charge e compreendê-la sem considerar os dois códigos, complementarmente, associando-os à consideração do interdiscurso que se faz presente como memória, dando uma orientação ao sentido num contexto dado - aquele e não outro qualquer.

Torna-se perceptível, então, como a charge se difere de outros gêneros textuais que possam apresentar certas semelhanças, uma vez que sua estrutura gráfica apresenta singularidades ligadas à primazia do imagético, enaltecendo, assim, o seu teor crítico e reflexivo diante dos fatos sociais. O elemento imagético da charge destaca-se como principal constitutivo do gênero, que não necessariamente acompanha texto escrito em sua constituição. Dessa forma, o imagético resgata a memória discursiva e atribui ao leitor – interlocutor do processo discursivo da charge – a responsabilidade pelas inferências que possam ali ser feitas a partir do (re)conhecimento do fato ora representado. Segundo Davallon (1999, p. 29 *apud* SANTOS, 2014, p. 3), “aquele que observa uma imagem desenvolve uma atividade de

produção de significação; esta não lhe é transmitida ou entregue pronta”, ou seja, atribui-se ao interlocutor da charge certa liberdade de interpretação sobre o fato representado.

Por isso, a charge necessita que se compreenda uma série de dados relativos ao fato contemporâneo nela retratado em relação ao momento específico em que se estabelece o elo discursiva entre aquele que a produz e seu receptor – responsável por produzir sentidos diversos. Os sentidos, por sua vez, constroem-se a partir do embate com a memória discursiva, ou seja, a partir da relação com outros sentidos já existentes. Assim, quando não se é possível recuperar o dizer; o processo que sustenta o sentido presente na charge é a memória discursiva. Dessa maneira, a memória discursiva corresponde ao “já dito” (ORLANDI, 2009, p. 31) e pode servir como a base para o entendimento crítico da charge enquanto um fato a ser criticado, pois sua compreensão necessita de um certo resgate aos acontecimentos sociais.

O conteúdo temático esperado na charge é, na maioria das vezes, a crítica de forma bem-humorada e, por isso, do ponto de vista composicional, tem-se no texto imagético seu grande valor. A charge carrega, portanto, uma característica peculiar: a de criar o cômico ao mesmo tempo em que produz uma denúncia.

Isto posto, o texto imagético proclama uma necessidade de compreensão para além do visual. Torna-se necessário que o leitor consiga distinguir a postura cômica da crítica social e, por consequência da duplicidade de sentido e dos implícitos presentes na charge, reflita criticamente acerca do fato social retratado ali, uma vez que todo discurso é constituído pela relação entre suas condições de produção sócio-históricas e pelos sujeitos atuantes nessas condições.

Entretanto, cabe salientar neste momento que, enquanto produto que circula em diferentes ambientes de mídia, a charge pode ser entendida como uma construção. Por isso, o chargista assume papel importante na produção dos efeitos de sentido que são vinculados por meio da produção imagética. Ao construir a charge, e por não ser esse um ato imparcial, o chargista elenca discursos que podem se legitimar ao resgatar a memória discursiva dos interlocutores da imagem (SANTOS, 2014). É nesse sentido que o chargista assume uma posição-sujeito enquanto tal, transmitindo para sua construção imagética a formação ideológica a qual se alinha, ou seja, a charge é o meio pelo qual o chargista imprime suas opiniões e juízos de valor.

Como a língua não é transparente, mas sim opaca; atravessada pelas diversas formações ideológicas possíveis, mesmo que o chargista exponha seu ponto de vista na construção da charge, elenque discursos cristalizados que irão corroborar para a legitimação de representações e identidades, seu sentido não pode ser dado *a priori*, já que ele está em constante negociação.

Levando em consideração os aspectos observados, toma-se o texto imagético da charge – principalmente dos que compõem o objeto empírico deste estudo – como um dos possíveis meios pelo qual a memória coletiva acerca do sujeito professor pode ser recuperada, demonstrando como esse, outrora, ocupou um lugar de respeito e autoridade na sociedade brasileira.

Identities culturais e representações sociais: aproximações dos campos de estudo

Tem-se a veiculação de uma série de discursos e imagens na sociedade ao longo do tempo como uma das possibilidades de se constituir e legitimar as identidades dos sujeitos. Dessa maneira, pode-se caracterizar as identidades por uma certa identificação com algo; pela forma como os sujeitos se veem a partir de algum traço de reconhecimento, ou seja, é um sentido do “eu” associado com a forma como os outros nos veem (ŽIŽEK, 1992).

Por não serem fixas, mas sim voláteis, as identidades se constroem sempre na alteridade. A união do que é análogo se faz em um processo de diferenciação, no qual o diferencial é sempre o outro. Então, é “por meio do reconhecimento dos outros” (BOURDIEU, 2000, p. 117) que as identidades dos professores, assim como de outros sujeitos, podem ser compreendidas.

Por isso, as identidades culturais são compreendidas por Hall (2006) como traços de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” à cultura social de um modo geral. À vista disso, o autor entende que as atuais condições socioculturais e econômicas – momento chamado de pós-modernidade – estão “fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (HALL, 2006, p. 9). Tais transformações alteram as identidades pessoais e corroboram com a falsa ideia de um sujeito integrado que temos acerca de nós mesmos.

Como consequência disso, a visão de sujeito assume contornos históricos e não mais biológicos – como se entendia anteriormente –, uma vez que as identidades dos sujeitos são

diversas e construídas de acordo com suas identificações em um movimento contínuo de deslocamento.

A identidade torna-se, então, o resultado de uma construção na complexa teia do social, em que o processo identitário estrutura-se a partir da articulação entre o individual e o social (HALL, 2006). Portanto, a identidade individual nunca está completa (ou fixa), já que interage com as transformações vivenciadas no contexto social, relacionando-se, também, ao emaranhado de discursos produzidos socialmente.

Assim, essa identificação; esse sentimento de pertencimento, legitima a base de reconhecimento dos sujeitos a partir de uma esfera sociodiscursiva, associada a uma memória que se materializa nas práticas sociais no decorrer da história. Diante do processo de representação simbólica, os sujeitos se reconhecem e passam a ocupar seus diferentes lugares identitários a partir de algum traço de identificação com sua representação na sociedade. Essa ideia possibilita depreender que a identidade e a linguagem concebem relações de instabilidade e indeterminação que estão ancoradas nas relações de poder. A identidade se desenvolve não apenas por meio de um processo interno, mas, sobretudo, através de um processo externo de práticas discursivas.

A partir do exposto, pode-se pensar como a produção da charge possibilita a identificação do sujeito professor enquanto ser social, uma vez que a representação simbólica criada pelo chargista em seu texto imagético corrobora com a manutenção das identidades culturais que irão circular socialmente. Diante do processo de representação simbólica, especificamente no caso do professor, os sujeitos passam a ocupar diferentes lugares de pertencimento (ou lugares identitários) na diferença com o outro a partir da construção imagética. Tal fato permite perceber como a identidade e a produção de sentido estabelecem relações de instabilidade e indeterminação que se ancoram nas relações sociais de poder. Como as identidades estão ligadas às estruturas discursivas e narrativas, bem como aos sistemas de representação (SILVA, 2000), elas se desenvolvem através de um processo externo aos sujeitos representados que envolvem não só as práticas discursivas, mas também as construções de sentidos.

Em contrapartida, a conceitualização acerca das representações sociais proposta por Moscovici (2007, p. 58) contribui ao escopo deste estudo na tentativa de propor uma articulação face àquela das identidades sociais:

[...] as representações que fabricamos [...] são sempre o resultado de um esforço constante de tornar real algo que é incomum (não familiar), ou que nos dá um sentimento de não familiaridade. Através delas, superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que era abstrato torna-se concreto e quase normal (...) as imagens e ideias com as quais nós compreendemos o não usual apenas trazem-nos de volta ao que nós já conhecíamos e com o qual já estávamos familiarizados.

É possível, dessa forma, observar como a relação entre a teoria das representações sociais e a construção identitária, segundo Seidmann *et al.* (2012, p. 48), implica em “[...] abordar as relações entre a identidade como produto intersubjetivo; a representação social como expressão das identidades; [...] a interdependência simbólica do eu/outros em termos de processos psicossociais”.

Nota-se, então, o caráter coletivo formado por diferenças que constituem as representações sociais. Moscovici (2007, p. 41) salienta que, as

representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas morrem.

Enxerga-se, assim, como os sujeitos “produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações e soluções específicas para as questões que se colocam a si mesmos” (SÁ, 1993, p. 28) a partir de incontáveis episódios cotidianos de interação social. A representação é, portanto, construída através das inúmeras inter-relações e dos seus diferentes discursos estabelecidos socialmente em um processo de significação social do conhecimento que é produzido por meio das relações de poder. Operando através do estabelecimento de diferenças, as representações sociais possibilitam a criação de certas identidades culturais que são propagadas socialmente.

A identidade, partindo dessa perspectiva, torna-se representativa apoiada na tríade que relaciona o eu, o outro e o mundo, em uma atualização de certos componentes sociais a partir de um nível individual. Seidmann *et al.* (2012, p. 49) compreende, assim, a identidade como produto intersubjetivo a partir da qual

[...] a noção de si mesmo está indissolivelmente ligada ao reconhecimento do outro. O outro me reconhece e me constitui como pessoa, brindando-me sua mirada que me personifica e me permite ver o mundo tal como o veem os demais... os significados mais importantes de meu mundo social e cuja presença me permitirá orientar-me e me desenvolver no mundo.

Portando, uma dupla função é cumprida pelas representações, descritas por Moscovici (2007) a partir de dois processos: o de classificar e convencionalizar. O primeiro, relaciona-se ao conjunto de comportamentos e regras que estipulam o que é e, por isso, o que não é permitido em relação aos outros sujeitos sociais. Ao classificar, por exemplo o sujeito professor, demarca-se um conjunto de limites, sejam eles linguísticos, espaciais, habituais e/ou comportamentais ao ponto de influenciar o indivíduo que ali se vê representado e interferir em sua compreensão de si (de sua identidade enquanto sujeito professor), pelo fato da formulação de certas exigências que estão relacionadas às expectativas criadas.

O segundo, por sua vez, é responsável por dar forma definitiva aos objetos, pessoas ou acontecimentos, localizando-os em um determinado modelo social. Esse novo modelo se adere aos preexistentes, estabelecendo condutas e servindo de base para o que deve ser pensado, para o modo de agir e de funcionamento de certa estrutura social, se impondo sobre nós “com uma força irresistível” (MOSCOVICI, 2007, p. 36).

Consequentemente, percebe-se, por meio dos processos simbólicos que regem as interações em sociedade, como as construções identitárias se fazem através de representações coletivas que, por sua vez, são responsáveis por caracterizar, classificar e “coisificar” certos entendimentos dentro de um sistema de crenças e valores. Ao se categorizar alguém ou alguma coisa, escolhe-se um dos paradigmas estocados em nossa memória para “estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele” (*Ibid.*, p. 63).

Por isso, caracteriza-se e classifica-se, sob a luz de Moscovici (*Ibid.*, p. 55), com a intenção de:

[...] aceitar e compreender o que é familiar, crescer acostumado a isso e construir um hábito a partir disso, é uma coisa; mas outra coisa é completamente diferente preferir isso como um padrão de referência e medir tudo o que acontece e tudo o que é percebido, em relação a isso. Pois, nesse caso, nós simplesmente não registramos o que tipifica um parisiense, uma pessoa “respeitável”, uma mãe, um Complexo de Édipo, etc., mas essa consciência é usada também como um critério para avaliar o que é incomum, anormal e assim por diante. Ou, em outras palavras, o que não é familiar.

Nesse sentido, as representações criadas pelos chargistas são sempre imbuídas ideologicamente. O interlocutor dessa construção imagética torna-se o responsável por produzir diferentes sentidos nas imagens a partir da posição-sujeito em que assume socialmente. Ao serem associadas à construção de identidades sobre os sujeitos professores, as representações geram uma possível aceitação social. Por isso, tem-se nessa relação o

momento que o indivíduo se reconhece e ao mesmo tempo é reconhecido no meio social, envolvendo um processo contínuo, dinâmico e histórico de (re)produção ideológica.

Discurso, condições de produção e efeitos de sentido

A partir da ótica pecheutiana, o discurso é entendido enquanto efeitos de sentidos entre locutores; como um lugar particular em que se dá a ideologia e como essa se manifesta na linguagem (PÊCHEUX, 1990 [1969]). Dessa forma, têm-se o discurso como algo que vai além dos textos; como algo que sustenta e ao mesmo tempo é sustentado pela ideologia de um grupo ou instituição social através de uma série de enunciados que o reforçam e são reforçados por ele. O discurso em si é a construção linguística junto ao contexto social onde o texto se desenvolve, por isso não é neutro, mas sim opaco (ORLANDI, 2009).

Partindo da compreensão proposta pela ADF e, em consonância com os estudos pós-modernos, tem-se que o sujeito é descentrado, ou seja, ele é compreendido a partir do social em uma relação dialética entre o eu/tu. Logo, o sujeito “é essencialmente histórico” (BRANDÃO, 2004, p. 59) e sua fala representa um corte temporal em um determinado contexto social situando seu discurso em relação àqueles preexistente. Por isso, o sujeito é visto em oposição ao sujeito cartesiano (existe quando pensa), ou seja, o sujeito não é o indivíduo, sujeito empírico, mas o sujeito do discurso, que carrega consigo marcas do social, do histórico, do ideológico e tem a ilusão de ser a fonte do sentido.

Assim, sob a luz de Pêcheux (1990), torna-se possível pensar o discurso como um elemento fundamental, atravessado pela ideologia, que registra o lugar de fala do sujeito no interior de uma certa formação social. Por isso, “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas” (*Ibid.*, p. 77), isto é, não se é possível demarcar uma origem para o discurso e nem o considerar como original; ele está ao mesmo tempo surgindo de outros discursos e servindo de fonte para tantos outros.

Ao propor o conceito de condições de produção, Pêcheux (1990) demonstra que o discurso é, então, efeito de sentidos entre os sujeitos envolvidos. O discurso é perpassado pelos processos ideológicos que refletem os diferentes efeitos de sentido e, nessa lógica, aflora a noção de indivíduo interpelado, pois esse não é livre para fazer suas escolhas de fala, uma vez que o seu dizer estará, a todo momento, sendo afetado e atravessado por um eco discursivo, denominado como memória discursiva.

Cabe salientar, neste momento, que o conceito de memória discursiva segundo

Pêcheux (1999, p. 52):

[...] seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Esses sentidos já estabelecidos construíram-se historicamente a partir das relações de poder travadas no interior do próprio discurso, podendo ou não serem assumidos pelos sujeitos dependendo da posição discursiva ocupada em relação ao funcionamento da ideologia.

As condições de produção, por sua vez, empregam uma dupla ilusão de esquecimento sob o sujeito. O primeiro refere-se à ilusão do sujeito ser dono do seu discurso (“o que eu digo tem o sentido que eu quero”) e, o segundo, se origina na ilusão da realidade do seu pensamento (onipotência do sentido) (PÊCHEUX & FUCHS, 1997, p. 177).

Devido à inconsciência, o sujeito não tem acesso real às condições de produção do próprio dizer, revelando que suas escolhas na construção de seus discursos são determinadas pelo lugar que ocupa no interior da formação ideológica à qual está submetido. Por isso, as condições de produção de um discurso incluem não só os sujeitos, mas a situação discursiva como um todo (as circunstâncias da enunciação; o aqui e o agora do dizer; o contexto imediato; o contexto sócio-histórico ideológico) e a memória discursiva – ou o interdiscurso como denomina Pêcheux (1988, p. 162).

Para Orlandi (2009), “as relações de força” são constitutivas do modo como as condições de produção do discurso se estabelecem. De acordo com as relações de força, o lugar social do qual falamos marca o discurso com a força da alocação que esse lugar representa. Assim, os diferentes efeitos de sentido são construídos a partir da força das palavras e dos enunciados da língua, carregados e afetados ideologicamente pelas condições de produção e pelo lugar de fala dos sujeitos.

Por ser o discurso de natureza social e não individual, os sentidos são determinados pela interação daquele que o produz, do que recebe e de seu entorno interativo de produção. Desse modo, o sujeito produz certos discursos mediado pela formação ideológica em determinadas condições de produção que geram efeitos de sentidos diversos na relação com seu interlocutor. Em função disso, torna-se possível, a partir de certos enunciados em certas

épocas e lugares, determinar as condições e possibilidades de discurso integradas por diferentes enunciados proferidos.

É nesse sentido que, o chargista, assumindo a posição-sujeito enquanto tal; inserido em uma formação ideológica específica, produz sua construção imagética sempre interpelado pela ideologia que o constitui (ou que determina suas condições de produção). Dessa forma, a construção da charge é sempre mediada pela formação ideológica que compõe seu produtor. Assim, mesmo que o interlocutor da charge tenha certa liberdade na produção de sentidos, sua interpretação estará atrelada às ideologias constitutivas da imagem.

Por isso, o fato de o sujeito professor ser representado de certa forma está relacionado as evidências ideológicas que integram a construção da imagem. Isso posto, tanto o produtor quanto o interlocutor da charge sofrem condicionamento à formação ideológica e à formação discursiva em que estão inseridos. As representações identitárias criadas nas charges estão ligadas, então, não só ao momento de construção da imagem, mas também no instante em que os efeitos de sentidos são produzidos por seus interlocutores.

Metodologia

Apesar de a ADF, segundo Pêcheux (1988; 1990[1969]), não constituir metodologia ou técnica de pesquisa, mas sim uma disciplina de interpretação constituída na intersecção de epistemologias distintas, neste trabalho, será adotado como procedimentos de execução de análise as etapas propostas por Orlandi (2009) que seguem: (1) a passagem da superfície linguística do texto para o discurso, momento no qual observa-se o como se diz, o quem diz, em que circunstâncias, etc.; (2) passagem do objeto discursivo para a formação discursiva, momento em que se relacionam as formações discursivas com a formação ideológica, atingindo, assim, a constituição do processo discursivo e; (3) passagem para o processo discursivo e formação ideológica, relacionando o funcionamento do discurso, isto é, o modo como ele cria efeitos de sentido, com a formação ideológica, ou seja, com o afrontamento de posições de que ele faz parte.

Articulações de sentido: análise do material empírico

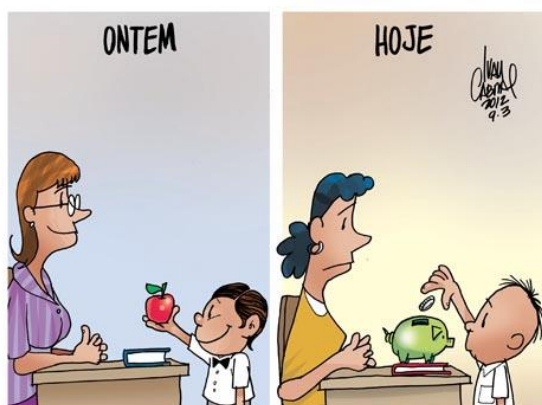
As análises a seguir fazem uso das etapas descritas anteriormente, considerando-se que os discursos veiculados nas charges apresentam uma multiplicidade de vozes que remetem às construções preexistentes e que contribuem para o processo de (re)produção de sentidos; bem como para a construção e representação de identidades. Destaca-se o papel fundamental

desempenhado pelo chargista na construção dos sentidos, visto que, ao reproduzir sua ideologia; seu modo de ver e abordar o fato social, a possibilidade do interlocutor na produção de sentidos é restringida pelo funcionamento ideológico.

Charge 1³

A charge em análise mostra, dando destaque ao discurso imagético/não-verbal, o sentido aí estabelecido em decorrência da construção ideológica em relação a situação social do sujeito professor. Ao confrontar a imagem de uma situação de sala de aula dita de “ontem” em relação à de “hoje”, em que o chargista representa o professor de formas antagônicas, fica perceptível a crítica que se faz. O comparativo faz referência à desvalorização dos professores, reconhecível pelo fato de que, no quadro “hoje”, a doação do presente vindo do aluno muda para uma moeda no cofrinho, quase uma esmolinha, colocando-os, assim, em uma situação degradante, de má remuneração financeira. Aquele (ou aquela, como demonstrado na imagem e que, de maneira subjacente, propõe uma crítica a interpretação já ancorada socialmente e passível de resgate na memória discursiva: a associação do magistério ao sexo feminino⁴) que outrora detinha certo prestígio e, aparentemente, sentia-se “feliz” ao receber o agrado do aluno, tem agora sentimento oposto.

Representa-se, dessa forma, uma possível inversão de valores, em que, na atualidade, o sujeito professor não passa de um mero prestador de serviços. Tal interpretação pode ser



depreendida uma vez que se resgate na memória discursiva o baixo valor de mercado que a profissão docente carrega ao longo dos anos no país. A perda do *status* enquanto profissão valorizada, isto é, a má remuneração atrelada à profissão docente, torna-se um dos aspectos que constitui um forte elemento de crise de identidade que afeta o sujeito professor (ESTEVE, 1999, p.

³ Disponível em: <<http://www.ivancabral.com/2012/03/charge-do-dia-professores-ontem-x-hoje.html>>. Acesso em: 18 de jun. de 2016.

⁴ Por essa não ser uma questão de discussão relativa a este trabalho, sua menção é feita apenas de forma ilustrativa e, por isso, não será desenvolvida uma crítica maior.

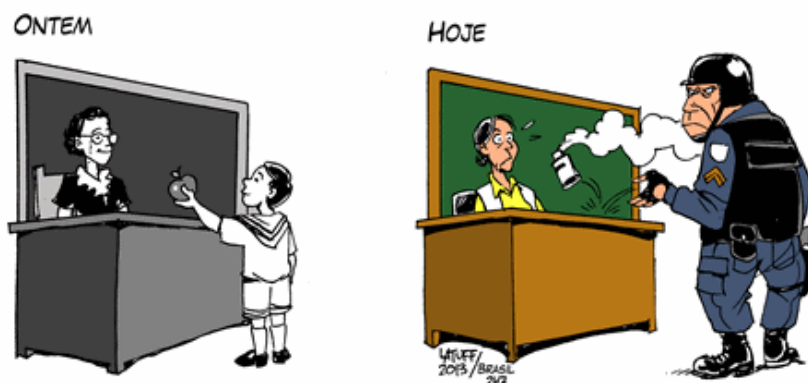
34).

Por isso, a construção imagética em análise tem relação direta com a memória discursiva socialmente instalada, relativa à história social do indivíduo em questão. Revela-se o desprestígio da profissão, “cujo o saber não tem qualquer valor de troca de mercado” (NÓVOA, 2006, p.33).

Tem-se, então, como discurso dominante, a representação do sujeito professor como figura desvalorizada, o que não acontecia – ou, ao menos, não foi considerado na representação imagética em análise – há tempos atrás, quando concebia-se uma representação valorizada dele, uma figura essencial na sociedade.

Ao representá-lo dessa forma, produz-se certos efeitos de sentidos ligados à depreciação do indivíduo; certos valores e crenças, que criam uma ligação que identifica o sujeito socialmente e o insere dentro de identidades negativadas. Como os discursos – e por isso, seus efeitos de sentido – têm movimentos que se cruzam com outros dizeres preexistentes (ou outras memórias discursivas), inúmeros fatos são resgatados e adicionados às novas representações que são feitas. Nesse sentido, e a partir desse processo, a representação que é feita do sujeito professor por meio da charge constrói identidades negativas que acabam funcionando como uma forma de marginalização e exclusão.

Charge 2⁵



Como se percebe, tem-se novamente a primazia do imagético sob o verbal – fato comum no gênero em análise – em que o discurso aí subjacente sustenta a afirmação anterior

⁵ Disponível em: <<https://latuffcartoons.files.wordpress.com/2013/10/professores-passado-presente.gif>>. Acesso em: 18 de jun. de 2016.

da desvalorização social do sujeito professor por meio da inversão de valores. Ao colocar em confronto as perspectivas do “ontem” e do “hoje”, nota-se, através das expressões das personagens, o contraste entre o respeito existente e o que existia, revelando a perda de valor social do sujeito professor.

Contudo, para que se compreenda a crítica que ali é feita, deve-se entender, antes, em que condições tal texto foi produzido. Em 2013 (data da publicação da imagem), os professores das redes estadual e municipal de ensino do Rio de Janeiro, em greve, protestavam de forma pacífica contra o plano de cargos e remuneração apresentados pelo então prefeito Eduardo Paes. Em dado momento, um grupo de *Black Blocs*⁶ infiltrado no protesto dos professores, entrou em confronto com a Polícia Militar que, por sua vez, respondeu com bombas de gás aos ataques para dispersar os que ali estavam, atingindo, também, os professores.

A crítica da charge, então, só será percebida caso seu interlocutor ative tal evento por meio da memória discursiva. Somente a partir disso, legitima-se a possibilidade de compreender os sentidos críticos vigentes na charge em análise que, de certa forma, inverte os valores comparativos entre as duas imagens representativas e constituem, novamente, uma identidade negativa do sujeito professor. Por isso “o funcionamento da eficácia simbólica e semântica da imagem faz com que ela funcione como um operador de memória social” (BARBOSA, 2003, p. 118) e, como operador, propõem uma naturalização de certas identidades do sujeito professor negativadas socialmente.

Portanto, somente a partir da memória coletiva pode-se recuperar o papel do professor ao longo da história, mostrando que o sujeito professor já ocupou um lugar de respeito e autoridade na sociedade brasileira, tendo como identidade aquela de único detentor do saber e compará-la ao fato como os professores foram tratados no evento de 2013, em um ato pacífico de luta pelos direitos há muito perdidos.

Considerações finais

⁶ Surgidos na Alemanha na década de 1980, os *Black Blocs* são estruturas populares informais, não hierárquicas e descentralizadas, de cunho tático e de corte anarquista, que se vestem de preto e mantêm suas identidades escondidas por máscaras para protestar em manifestações de rua, utilizando-se da ação direta para desafiar as forças da ordem social. No Brasil, apesar de terem registros de aparições no ano de 2000, o grupo ganhou notoriedade a partir das manifestações populares ocorridas em junho 2013.

Considerando-se a importância dos estudos discursivos e suas contribuições para a compreensão de como os discursos são produzidos e consumidos pela/para sociedade, a proposta analítica da ADF, em consonância com os estudos de identidade e representação, possibilitou refletir em relação à forma como se constroem e representam as identidades do sujeito professor em charges. As identidades criadas pelas charges podem ser percebidas não somente pela construção do chargista acerca do sujeito professor, mas também pelo embate que essa imagem trava com seu interlocutor. No momento da produção, imbuída de todas as relações ideológicas que constitui o chargista, os efeitos de sentido são moldados, cabendo ao leitor final da charge sua interpretação. Ao representar o sujeito professor a partir de um *status* desvalorizado, identidades sociais são instauradas e, visto que, nem o momento de produção nem o de interpretação são isentos ideologicamente. É nesse sentido que, as identidades podem ser criadas a partir da posição que os sujeitos se encontram, sempre mediados por formações ideológicas específicas.

À vista disso, a análise do *corpus* possibilitou verificar como são construídas práticas de depreciação relacionadas ao sujeito professor e sua (re)construção por meio do gênero em análise. A charge, enquanto materialidade discursiva, é permeada por formações ideológicas e discursivas filiadas à memória que corrobora e constitui o imaginário social. Isso faz com que determinados dizeres dialoguem com outros momentos históricos, deslocando sentidos cristalizados na memória discursiva dos sujeitos.

O questionamento inicial do trabalho foi respondido à medida que, ao se fazer uma leitura menos ingênua em relação às críticas que são estabelecidas pelas imagens, identidades negativas e estereótipos foram evidenciados na construção do modo de representar o sujeito professor para além das charges. Esse processo auxilia na depreciação do professor na sociedade, pois sua constituição enquanto sujeito se dá a partir de um lugar desprestigiado nas relações de poder em comparação aos demais sujeitos que o cerca. Nesse interim, paira sobre o sujeito professor determinadas identidades e estereótipos que marcam-no como vítima; como um ser fraco e passivo não só diante de todo o maquinário sistêmico-social, mas também da sua própria identificação enquanto profissional docente.

A pesquisa demonstrou-se fluida, apesar da limitação em relação a marcação cronológica das imagens e os fatos sociais representados que, por vezes, foram díspares. Ao abordar um tema naturalizado socialmente (como o caso da má remuneração dos professores),

a relação entre o fato e a produção da imagem não segue um mesmo momento histórico, o que não comprometeu, em nenhum aspecto, a produção deste texto.

Isso posto, torna-se inegável a importância de se assumir uma postura crítica em relação as representações veiculadas por meio dessas imagens, pois constroem a imagem do professor de forma negativa e desvalorizada a partir do aspecto cômico da charge. Além disso, as representações imagéticas que são feitas com base nessa compreensão tornam-se responsáveis por promulgar uma depreciação em torno do mérito profissional que, de certa forma, (re)afirma um valor social rebaixado acerca do sujeito professor e, ao se assumirem como tal, os sujeitos compartilham do entendimento veiculado pelas imagens.

Cabe salientar que, assim como a produção e interpretação das charges não são feitas de forma isenta, a análise também não é. Os processos ideológicos que perpassam o analista influem e compõem a análise. Isso posto, a análise aqui produzida pode ser tomada como uma possibilidade, não desconsiderando outras percepções.

Ademais, o *corpus* abre espaço para pesquisas futuras, suscitadas neste texto, mas não desenvolvidas. Como possibilidade posterior, uma abordagem que analise a representação da profissão docente e a questão do gênero no magistério pode ser frutífera.

Referências

- BARBOSA, P. L.N. O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente. In: GREGOLIN, M.R. **Discurso e Mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos, Claraluz, 2003.
- BRANDÃO, H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. São Paulo: UNICAMP, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- ESTEVE, J. M. **O mal estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. São Paulo. Edusc.1999.
- FLORES, O. **A leitura da charge**. Canoas: Ed. Ulbra. 2002.
- FONSECA, J. Caricatura. In: _____. **A imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

NÓVOA, A. Professor e o novo espaço público da educação. **Educação e sociedade: perspectivas educacionais no século XXI**. Santa Maria, RS. UNIFRA, 2006

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**, 8ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de M. Pêcheux**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997, p. 163-252.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: EDUCAMP, 1988.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET & HAK (org). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990 [1969], p. 61-162.

_____. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da Memória**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999, p. 49-57.

RABAÇA, C. A. & BARBOSA, G. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

SÁ, C. P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: Spink, M.J. (org). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 19-45.

SANTOS, Anderson Barcelos. O ofício do chargista na produção dos efeitos de sentido. In: Simpósio sobre Formação de Professores: Educação, Currículo e Escola, 6., 2014, Tubarão, p. 1-13.

SILVA, T. T. (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 2ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SEIDMANN, S.; THOMÉ, S.; DI LORIO, J.; AZZOLLINI, S. Construção Identitária Docente: reflexões a partir da teoria das representações sociais. In: PLACCO, V. M. N. S.; VILLAS BÔAS, L. P. S.; SOUZA, C. P. **Representações sociais: diálogos com a educação**. Curitiba: Champagnat, 2012, p. 43-56.

ŽIŽEK, Slavoj. O gráfico do desejo. In: _____. **Eles não sabem o que fazem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p. 99-125.

